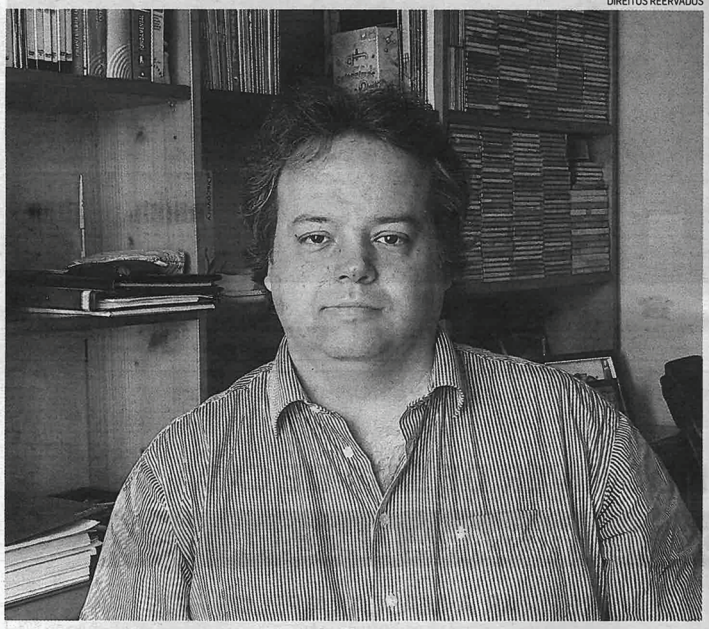
AÇORIANO ORIENTAL
TERÇA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 2020

Covid-19
Entrevista

Pedro Soares. Presidente da Secção Regional dos Açores da Ordem dos Enfermeiros fala sobre o impacto da Covid-19 e a necessidade de valorizar os profissionais de saúde

"Esta pandemia veio mostrar a necessidade de contratar enfermeiros"

DIREITOS REERVADOS



RUI JORGE CABRAL
rcabral@acorianooriental.pt

Hoje assinala-se o Dia Internacional do Enfermeiro. A Organização Mundial de Saúde decretou também este ano de 2020 como o Ano Internacional do Enfermeiro. Sente que este dia, neste ano, tem mais significado?

Este ano tem um significado diferente... Quando a Organização Mundial de Saúde anunciou que 2020 seria o Ano Internacional do Enfermeiro estaria longe do seu pensamento a ideia do que todos nós estamos a passar e do que os enfermeiros, em particular, iriam passar... Por isso, este dia 12 de maio é um dia em que devemos tomar consciência da situação atual da profissão e da necessidade de valorizar o enfermeiro.

Que desafios tem colocado a pandemia de Covid-19 aos enfermeiros?

A Covid-19 colocou como o maior desafio de todos a adaptação a esta situação que ninguém estava preparado para enfrentar. Aliás, um estudo recente desenvolvido com os enfermeiros portugueses, demonstrou que houve um aumento de 40% nos níveis de ansiedade nos enfermeiros, devido a esta adaptação, a esta luta interior de cada um dos profissionais com o medo intrínseco de infetar a própria família. Além disso, existem as sequelas físicas do uso prolongado dos equipamentos de proteção individual. Esta luta, travada em silêncio, é algo que irá marcar por muito tempo os enfermeiros.

Acha que os Açores têm lidado bem com esta pandemia?

Penso que sim e a própria situação geográfica dos Açores permitiu que as coisas por cá não tivessem um desenlace pior ou até igual ao que tem acontecido no continente português. Além disso, os enfermeiros têm sido ouvidos nesta situação. A Ordem tem sentido abertura por parte da tutela, seja por parte da secretária regional da Saúde, seja da parte do próprio Presidente do Governo, no sentido de estabelecermos comunicação e irmos corrigindo algumas situações que têm vindo a acontecer durante esta caminhada.

Os enfermeiros têm tido as condições de trabalho necessárias no combate à pandemia? Poderia, por exemplo, ter sido evitada a situação de infeção em contexto hospitalar que aconteceu em São Miguel?

Respondendo à primeira pergunta, nós começámos com dificuldades em termos de equipamentos de proteção individual, o que se justificou muito pela também dificuldade em adquiri-los a nível internacional. Este foi, sem dúvida, um grande problema inicial que, aos poucos, foi-se corrigindo. E a partir do momento em que foram dadas as condições aos enfermeiros para laborarem com segurança e qualidade, as coisas começaram a correr melhor no terreno. Quanto à segunda questão... A infeção que aconteceu faz parte deste combate. Não queríamos que tivesse acontecido, foi feito tudo para que não acontecesse, mas esta pandemia é um inimigo invisível que nós não conseguimos controlar a 100%. Aconteceu esse contágio, mas também conseguiu-se contê-lo para que as coisas não piorassem e não chegássemos a um cenário como aquele que a experiência internacional nos tem vindo a mostrar em muitos sítios.

A sobrecarga de trabalho, que tanto tem sido relatada a nível nacional e internacional, tem afetado também os enfermeiros nos Açores?

Esta é uma questão para a qual já alertávamos ainda antes da pandemia. O número de enfermeiros nos Açores, embora com um rácio melhor do que a nível nacional, não é o ideal, nem de perto, nem de longe. E esta pandemia veio mostrar que há uma necessidade de contínuo investimento nos recursos humanos, com a contratação de mais enfermeiros. Assistimos durante este combate à necessidade de aumentar a rotatividade nas equipas e de aumentar as equipas nalgumas instituições, não havendo enfermeiros para tal. Isso levou a que houvesse enfermeiros a fazer 15 turnos seguidos, sem hipótese de folgas, porque não havia ninguém para os substituir. Houve também enfermeiros com turnos de 12 horas por largo período. Isto leva a um desgaste tremendo e preocupa-nos o risco que estas situações acarretam, tanto para o profissional, como para a nossa população. Por isso, uma das nossas propostas à tutela na preparação da saída da Covid-19 foi a de irmos ao terreno rapidamente fazer um balanço dos recursos humanos para tentarmos colmatar as falhas.

Acha que esta pandemia vai levar a uma maior valorização dos enfermeiros e a um reforço destes profissionais nas unidades de saúde?

Quero acreditar que sim. Que esta pandemia veio mostrar, tanto ao país como especificamente à Região, que o serviço de saúde necessita ser cuidado. Quero acreditar que vamos olhar com outros olhos para a saúde dos açorianos e para as condições que são dadas às nossas instituições e aos nossos profissionais para termos um Serviço Regional de Saúde forte e pronto a agir quando aconteceram situações como a desta pandemia.

Como é que a Ordem dos Enfermeiros nos Açores avalia o regresso à normalidade que está agora a ser preparado?

Com alguma apreensão sobre este regresso... Nos Açores, sabemos que as situações estão controladas dentro do arquipélago, mas temos também de reabrir o arquipélago ao mundo, porque não conseguiremos sobreviver sozinhos aqui no meio do Atlântico. Será nesta abertura que teremos de analisar muito bem todas as situações que daí advirão.

Ao nível dos cuidados de saúde, vai ser possível recuperar rapidamente todo o trabalho que ficou suspenso devido à necessidade de minimizar os efeitos da Covid-19?

Vai ser muito dura esta recuperação, num plano traçado para seis a doze meses de intervenção. Falando dos enfermeiros, eles estão exaustos por tudo o que tem vindo a acontecer nas últimas semanas, mas durante esta recuperação, vai ter de continuar a haver uma entrega muito grande da parte da enfermagem. Vai ter de haver uma reorganização e um sentar à mesa de todas as partes, deixando 'umbigos' e 'políticas' de lado e olhando apenas para o bem da nossa população. Só desta forma conseguiremos colocar em marcha muitas das medidas que são necessárias para recuperarmos, o mais rapidamente possível, o muito que ficou para trás. Preocupa-me os utentes que se afastaram muito das instituições, por medo e cuja situação de doença se agravou, de certa forma, por causa desta interrupção nos cuidados. E aqui os enfermeiros têm de ser olhados como uma peça fundamental desta equação.

Que outros assuntos relevantes se mantêm na agenda e que a Ordem dos Enfermeiros gostaria de ver resolvidos nos Açores?

Desde logo a dotação segura dos enfermeiros ao nível dos lares de idosos. Esta é uma das bandeiras do nosso mandato e já estamos a desenvolver um guião para avançarmos o mais rapidamente possível para o terreno, tentando desta forma alertar a tutela das situações em que os lares vivem hoje nos Açores. Também não vamos abdicar de tentar resolver o mais rapidamente possível a questão do Estagiar L. E volto a lembrar que os Açores são a única região do país que continua a ter enfermeiros nesta condição, que significa receber quase metade do ordenado de um enfermeiro contratado, quando se é um enfermeiro como outro qualquer. ◆